

INVERTIDO CLAUDICANTE

Yvisson Gomes dos Santos¹

Claudicar, vacilar o tempo que se esvai. As coisas e o mundo das coisas são diversos e cretinos. Tenho pouco tempo para sonhar e muito tempo para trabalhar - que infelicidade essa a minha. Troco o dia pela noite, moro nas sombras da lua escura e gosto de comer milho verde.

São porções e desejos que se misturam. Tomo água constantemente e como azeitonas com vinho frio. As noites são prazerosas e íngremes ao mesmo tempo. Prazer por deleitar-me no que posso fazer, íngreme por saber que isso terá um fim. Nada seja pujante como pensava que fosse. Nada era, apenas os dias são. Cometo um crime de me silenciar, de falar um papo incerto na busca da compreensão correta. São murmúrios que ouço dentro da alma, ela fala, ela coabita em mim, ela agride-me masoquistamente e me faz um ser triste.

Não se sabe quão triste eu sou, mas se sabe que a alegria povoa o meio em que tenho andando. Nesses dias fui almoçar um italiano. Não, não comi um homem da Itália, mas foi quase isso. Comi um pouco dele através das iguarias do prato europeu. Massas, resumindo. Talharim e até anchovas com molho tártaro (?) - coisas que despertam o prazer ao degustar.

Tomei um copo de vinho tinto e quis mais. Muito mais. A comida deu-me o prazer que necessitava e o vinho a balbúrdia do desejo. Retorci o queixo em cumprimento ao vinho. Baco estava comigo, um amigo que de longa data perfaz meu destino. Não sei o que aconteceu. A comida findou-se o vinho aumentou em proporção distinta.

Desejo mais vinho, quero mais, dá-me de beber. Palavras cristãs e amores lascivos.

Esqueci, a memória me tomou como uma foice que elimina o mato que descredita a terra e a faz infértil. Acordei noutro dia, em um lugar desconhecido com uma garota desconhecida e um homem tomando banho.

¹ Psicólogo alagoano, filósofo, professor a distância UAB/UFAL e mestrando em Educação pela UFAL

Sexo a três, como assim? Não me lembro desse evento. Mas acordei em um susto e percebi que o homem era um amigo íntimo. A mulher uma desconhecida anfitriã das cortes de Paris em Versalhes. Era uma boa anfitriã? Deveria ser? Ou era? – era um sonho?

Estava limpo, nada tinha sido usado, nem meu corpo foi usado, somente a cabeça ébria e com pontas de dores nas têmporas.

Falei a todos do quarto: quem sou eu? Onde estou? Eu sei quem são vocês, mas eu não ousou saber quem sou, mesmo tendo perguntado ferozmente – paradoxo.

Riram invertendo o lado da cabeça e com olhares cúmplices disseram: nem nós sabemos quem somos. Apenas estamos aqui. Foi o talharim e a bolonhesa que me deixou assim? Não foi o vinho. Mas o vinho não é o culpado. O culpado sou eu que nem sei onde estou e para onde vou. Assim firmou-se o dia, pois a noite tenho de trabalhar com a lua de Lilith sóbria.